



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA  
ISSN 2525-3441

REVISTA AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

V. 8, N.22, P.155-176

DOI:10.18764/2525-3441V8N22.2023.8

## MOBILIDADE SEMÂNTICA E FUNCIONAL DO ADVÉRBIO EM ESTRUTURAS FRASAIS DO PB: A TAXONOMIA TRADICIONAL EM DISCUSSÃO

*SEMANTIC AND FUNCTIONAL MOBILITY OF THE ADVERB IN PHRASE STRUCTURES OF  
BP: THE TRADITIONAL TAXONOMY IN DISCUSSION*

Geralda Fátima de Souza Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0002-2332-9744>

Silvana Francisco Guedes Camilo Costa

<https://orcid.org/0009-0008-3162-5130>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apontar algumas considerações sobre a questão de se levar à dimensão avaliativa a definição que a GT faz da “classe dos advérbios”. Cegalla (2008, p.259) diz que o “[...] advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio.” Já em Neves (2018, p.360), “[...] a classe dos advérbios é bastante heterogênea, e o importante é observar o papel que as diversas subclasses desses elementos podem exercer nos diversos usos linguísticos”, tal observação comumente não é considerada pela Gramática Tradicional, doravante GT, que adota como orientativa para os estudos da língua uma taxonomia que exclui os usos da língua, classificando o advérbio como uma classe de palavra invariável. Portanto, os usos linguísticos atualizam-se e, portanto, os estudos gramaticais de perspectiva não tradicional, que se ocupam em refletir a língua em seus usos reais, têm questionado essa definição. Um teste de atitude linguística foi aplicado entre estudantes do curso de Letras com a finalidade de observar como os informantes classificam palavras que funcionam como advérbios, mas, que, tradicionalmente, não são admitidas como pertencendo à classe de palavras, ou seja, itens lexicais que não estão categorizados como advérbios no cânone da GT. Assim, o problema investigado será a percepção que os falantes têm quanto à mobilidade semântica e funcional do advérbio. Como metodologia, usamos a pesquisa de campo, com dados coletados por amostragem, baseado na fundamentação teórica do modelo de análise sociolinguística.

**Palavras-chave:** Advérbio; Mudança linguística; Atitude linguística.

**Abstract:** This article aims to point out some considerations on the question of taking the definition that GT makes of the “class of adverbs” to the evaluative dimension. Cegalla (2008, p.259) says that the “[...] adverb is a word that modifies the meaning of the verb, the adjective, and the adverb itself.” In Neves (2018, p.360), “[...] the class of adverbs is quite heterogeneous, and the important thing is to observe the role that the various subclasses of these elements can play in the various linguistic uses”, and such an observation is not commonly observed. The Traditional Grammar considers it, henceforth GT, which adopts a taxonomy that excludes language uses as a guideline for language studies classifying the adverb as an invariable word class. Therefore, linguistic uses are updated and grammatical studies from a non-traditional perspective concerned with reflecting the language in its real uses have questioned this definition. A linguistic attitude test was applied among students of the Languages course in order to observe how the informant’s classified words that function as adverbs but which, traditionally, are not admitted as belonging to the class of words, that is, lexical items that are not categorized as adverbs in the GT canon. Thus, the problem investigated will be the speakers’ perception regarding the adverb’s semantic and functional mobility. As a methodology, we used field research, with data collected by sampling, based on the theoretical foundation of the sociolinguistic analysis model.

**Keywords:** Adverb. Linguistic change. Linguistic attitude.

## INTRODUÇÃO

Este artigo pretende compreender quais têm sido as atitudes linguísticas dos estudantes do curso de Letras, na Universidade Federal de Mato Grosso, do campus Araguaia, bem como dos egressos recém-formados e que atuam no ensino de Língua Portuguesa, em relação a um conjunto de palavras que funcionam como advérbios, mas que, canonicamente, não são admitidas na "classe dos advérbios".

Um teste de atitude linguística foi aplicado a 20 informantes. A análise ficou por conta do modelo sociolinguístico. Para o percurso que pretendíamos, realizamos uma breve revisão bibliográfica sobre as definições que algumas gramáticas tradicionais, descritivas e funcionalistas atribuem ao advérbio, bem como as divergências e as convergências que se impõem.

Os resultados retornados pela pesquisa de atitude linguística foram relacionados ao fenômeno da Gramaticalização, considerado um dos principais processos de mudança linguística. Isso se deve ao fato de a Gramaticalização ser o foco de inúmeras pesquisas na área da Linguística e tem ocupado o devido espaço nos estudos da Linguística Histórica.

## A CATEGORIA GRAMATICAL ADVÉRBIO

A seguir, discorreremos sobre como as gramáticas Normativa, Descritiva e Funcionalista abordam o advérbio. O levantamento de distintas elaborações teóricas teve o objetivo de elucidar as divergências e as possíveis convergências que os estudos sugerem, mas, sobretudo, apontar os limites da GT quanto às possibilidades de análise e classificação dos advérbios.

A definição comumente adotada no trabalho do contexto escolar é a mais próxima possível das propostas da GT, ou seja, advérbio é uma palavra invariável que está diretamente relacionada ao verbo, adjetivo ou ao próprio advérbio. De acordo com Said Ali (1931), em *Grammatica Historica da Lingua Portuguesa*, o advérbio é o vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio, para o autor, que adota





os pressupostos teóricos de uma concepção tradicional da gramática, “[...] aos advérbios competem, por principal função, modificarem a idéia (*sic*) expressa por verbo, adjetivo ou outro advérbio” (1931, p.26). Pode-se dizer que é a classe adverbial que acrescenta os conceitos de tempo, lugar e modo aos verbos,

adjetivos e os próprios advérbios. As três classes gramaticais citadas, sob a determinação dos advérbios, têm seus sentidos delimitados e esclarecidos.

Em *Moderna Gramática Portuguesa* (2019, p.38), Bechara esclarece que há diferença entre classe gramatical e categoria gramatical e, portanto, para ele, “[...] o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio são as quatro únicas reais “categorias gramaticais” da língua”. O autor explica que, confusamente, tais categorias são misturadas na GT.

Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes, com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. (BECHARA, 2019, p.160)

157

Bechara nomeia as “categorias gramaticais” de “categorias verbais” porque, segundo ele, “[...]são as únicas dotadas do significado categorial, e admitem, como já ensina a GT, subdivisões.” (2019, p.38). Categoria gramatical tem a ver com o modo de ser das palavras no discurso, com a maneira de como a palavra apreende o mundo extralinguístico e não com a forma da palavra (lexema).

Bechara faz a defesa de que “há advérbios de papel semântico-sintático” (p.404). O autor explica que, por esse motivo, escapa ao analista uma classificação unitária que abarque todas as situações que envolvem os advérbios e que, portanto, um olhar atento às relações que cada advérbio estabelece parece ser o mais adequado. Bechara (1994, p.404) não aprofunda o assunto, mas cita a fala do filólogo espanhol Alarcos Llorach, que está registrada na *Gramática de la Lengua Española* (1994):

O que permite distinguir uns advérbios de outros é a significação [...]. No entanto, é preferível para classificar os advérbios atentar-se às relações que cada um contrai dentro dos enunciados, seja em seu papel primordial de adjacente circunstancial, seja por sua combinação com outras unidades dentro de um grupo nominal unitário [Llorach, 1994, § 178] - Tradução própria<sup>1</sup>



Llorach defende que os advérbios devem ser classificados conforme as relações que cada um estabelece dentro dos enunciados. Tal declaração sinaliza para a compreensão de que reunir distintos itens lexicais dentro de uma única classe não reflete a complexidade dos adverbiais<sup>ii</sup>.

Segundo Mattoso Câmara (Câmara, 1982 *apud* Bechara, 2019, p 401), perturba a descrição e a demarcação classificatória “[...] a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios”. A afirmação do autor fica evidente nas definições, por vezes confusas e superficiais, que são difundidas pela GT.

Em a *Gramática Descritiva do Português Brasileiro*, Perini (2016), Gramático Descritivista, chama a atenção para a heterogeneidade da classe e, com a consideração “[...] se é que é uma classe os chamados advérbios, ou adverbais” (p.454), questiona a tradição gramatical. De acordo com Perini (2005, p.339), “[...] a classificação tradicional dos advérbios deixa de exprimir as diferenças encontradas entre itens lexicais classificados como advérbios, no que diz respeito aos seus comportamentos gramaticais”. Segundo Perini, advérbio não é uma classe de palavras, mas “várias classes bem diferenciadas” (2016, p.448). O autor explica que se uma “classe de palavra é definida por seu potencial funcional” (2016, p. 338) e, dado que função é um princípio que se refere às relações entre os constituintes de uma oração, “[...] são critérios semânticos as classificações, advérbio de negação, tempo, intensidade, modo, lugar, dúvida, afirmação, e, portanto, não devem ser levados em consideração num estudo sintático” (2016, p.338).

Ao que se refere à gramática compreendida pelo viés do funcionalismo, em *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* (2012), Bagno inicia sua análise sobre advérbios destacando a dificuldade em separar uma “classe lexical” de uma “classe sintática”.

A distinção entre “classe” e “função” é mais uma das muitas dicotomias que a linguística tem aplicado aos elementos da linguagem ao longo dos séculos. Com exceção das classes fundamentais, o verbo e o nome, todas as demais são, de fato, constituídas arbitrariamente (BAGNO, 2012, p.834).

De acordo com o autor, essa arbitrariedade se constitui por um caráter multifuncional das palavras e a multifuncionalidade



deve-se à complexa capacidade cognitiva dos falantes, sendo essa capacidade que movimenta as fronteiras linguísticas e reordena a lógica até então registrada.

Quanto à invariabilidade dos advérbios, Bagno diz que, de fato, a maior parte “não sofre modificação formal de gênero, número e grau” (p.839), conforme é explicitado nas gramáticas tradicionais. No entanto, o autor defende que a íntima relação dos advérbios com os adjetivos, leva a que alguns advérbios aceitem variação.

Quanto ao escopo dos advérbios, Bagno (2012, p.839-840) diz que “[...] a ideia de modificação não é das mais adequadas” (p.840), pois o entendimento não dá conta de explicar todas as funções que os advérbios exercem; e, por esse motivo, esclarece o autor, os linguistas contemporâneos dividem os advérbios em três grandes classes semânticas: 1) predicadores, 2) verificadores e 3) dêiticos.

Os advérbios têm sua compreensão ampliada a depender da concepção adotada pela gramática. A GT apresenta uma conceituação baseada apenas no nível morfológico de análise, mas faz uma classificação que aciona dispositivos dos níveis semânticos e sintáticos, desconsiderando os conflitos produzidos no âmbito de cada nível de análise. E, de acordo com Perini (2008):

É preciso distinguir estritamente “classes” de “funções”, mas isso nem sempre se faz, o que constitui uma fonte de confusão. O problema se manifesta com frequência em afirmações de que elementos de determinada classe “funcionam” como se pertencessem a outra classe em determinado contexto (PERINI, 2008, p.93).

Quando a GT aciona o termo “classe” para referir-se ao conjunto de palavras que funcionam como advérbios, ela desconsidera que, dependendo do contexto, uma palavra poderá funcionar deste ou daquele modo. Segundo Perini, “[...] as funções se definem no contexto em que ocorrem, mas as classes se definem fora de contexto” (2008, p.93).

Em geral se entende um sistema de classificação como um conjunto de classes que se subdividem cada uma em certo número de subclasses e assim por diante, assim, na GT, os advérbios se subdividem em: de tempo, de modo, de lugar etc; [...]. Mas esse tipo de sistema de classes dentro de classes não é adequado para descrever o comportamento gramatical dos itens léxicos e demais unidades. Os fatos são mais complicados [...] (PERINI, 2008, p.83).



A GT subestima a complexidade da língua ao não ser suficientemente clara quanto aos critérios que adota nas subclassificações das palavras que define como advérbios. A conceituação que a GT faz dos advérbios é qualificada como superficial e limitada tanto pela gramática de perspectiva descritiva quanto pelas gramáticas de perspectiva funcionalista. Essas duas ampliam a discussão, pois levam em conta os usos reais da língua, consideram todos os possíveis níveis de análises pelas quais podemos tentar compreendê-la.

### A INSTITUIÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA: A VARIAÇÃO E A MUDANÇA

A concepção teórica que posiciona os componentes sociais na centralidade da análise dos fenômenos linguísticos, ou seja, que se dedica ao estudo da relação entre a língua que falamos e a sociedade na qual vivemos é a Sociolinguística. Chagas (2019, p. 149) explica que,

nem a visão estruturalista, descendente de Saussure, nem a visão gerativista, iniciada por Chomsky, pretendem relacionar a língua, suas variações e alterações com a heterogeneidade da sociedade. Diferentemente dessas duas perspectivas, a abordagem sociolinguística variacionista, iniciada por Labov, não procura eliminar da análise o que é variável e mutante. Pelo contrário, ela faz da variação e da mudança linguísticas os objetos centrais dos estudos, relacionando-os justamente a alguns dos aspectos que Saussure e Chomsky quiseram manter fora da análise da língua: a estrutura da sociedade e sua história.

Antes da Sociolinguística, sob a perspectiva científica, a variação e a mudança não eram objetos dos estudos linguísticos. A língua deve ser observada, levando em conta tanto as variáveis de natureza extralinguísticas quanto os aspectos internos a ela, isso significa dizer que o sistema linguístico é constituído por condicionadores linguísticos e sociais.

Coelho *et al* (2010, p. 28) explica que, os condicionadores “[...] são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos ao sistema linguístico ou externos a ele”.

Os condicionadores linguísticos, ou internos à língua, referem-se aos níveis de análise da língua (sintático,



morfológico, semântico, fonológico, pragmático), ou seja, a ordem dos constituintes, a categoria das palavras (verbos, advérbios, substantivos, numerais, adjetivos, conjugação, artigos, preposições, pronomes e interjeições), as construções envolvidas etc. Os condicionadores extralinguísticos, ou sociais, dizem respeito aos aspectos sociais, geográficos e históricos.

Na análise linguística feita no campo da Sociolinguística, é fundamental observar os condicionadores sociais. Para compreender a importância dessas variáveis, é necessário observar as relações que elas estabelecem no interior da comunidade de fala, pois é nela que os fatores sociais interagem e se realizam. Ainda de acordo com Coelho et al (2010, p. 28), “[...] os condicionadores em um caso de variação são os fatores que regulam nossa escolha entre uma ou outra variante.” As decisões por usar esta ou aquela variante linguística dependerá dos condicionadores aos quais a comunidade de fala esteja exposta.

Segundo Labov (2008, p.287), comunidade de fala é “[...] um grupo de falantes que compartilham um conjunto de atitudes sociais frente à língua”. E, a respeito desse conjunto de atitudes, em linhas gerais, Labov (2008, p.287) esclarece que os julgamentos que os falantes fazem sobre uma língua podem ser conscientes ou inconscientes e esses julgamentos podem resultar em mudanças na língua.

Para ajudar a compreender o processo de mudança linguística e a definição de comunidade de fala, Coelho et al (2010, p. 32) informa que é “[...] com base no nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável” que Labov classifica as variáveis extralinguísticas e divide-as em três tipos de elementos: os marcadores, os indicadores e os estereótipos.

Os marcadores são definidos como traços linguísticos que, na maioria das vezes, decorrem de julgamentos sociais inconscientes que o falante faz da língua. É um recurso de teor estilístico e estratificado socialmente. Os indicadores são traços de julgamentos sociais também inconscientes, é um fenômeno que agrupa elementos linguísticos que podem indicar grau de escolaridade, localização geográfica, estratificação social do falante. Já os estereótipos, segundo Coelho et al (2010, p.33) “[...] são traços socialmente marcados de forma consciente,

podendo ser estigmatizados ou de prestígio". Labov (2008, p.360) diz que os elementos classificados como estereótipos "são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade" e que, portanto, mudanças linguísticas podem ser ocasionadas por motivação desses rótulos.



Dito isso, a mudança linguística pode ser conduzida com maior ou menor celeridade a depender do julgamento social que a comunidade de fala faz da variante. Labov (2008, p.362) destaca que "[...] o estigma social conferido a alguns desses estereótipos têm levado à mudança linguística rápida", ou seja, uma variante avaliada negativamente pode ser rapidamente extinta do repertório dos falantes da comunidade. Os traços linguísticos estereotipados favorecem o problema social que é o preconceito linguístico.

#### ATITUDES LINGUÍSTICAS

Conforme Cyranka<sup>iii</sup>, (2007, p.20), o estudo das atitudes linguísticas está relacionado ao estudo da avaliação linguística, ou seja, "[...] ao exame dos julgamentos dos falantes em relação à língua ou ao dialeto utilizado por seu interlocutor". A autora explica que nesses julgamentos estão subentendidas as mudanças linguísticas implementadas ou em implementação, em relação à variedade considerada padrão.

Para Labov (2010), as atitudes linguísticas são reforçadas pelos atos de identidade de um indivíduo no seu grupo, ou seja, o indivíduo, com a finalidade de garantir a construção de uma identidade, tende a adotar as variáveis que são positivamente reforçadas pelo grupo do qual faz parte e a rechaçar aquelas que são qualificadas como estereótipos de desprestígio social. Em via de regra, os indivíduos seguem a orientação de usos da sua comunidade de fala, diante disso, quanto mais o falante se afastar do padrão de usos linguísticos típicos da sua comunidade, seguramente, maiores serão as chances de tornar-se vítima de preconceito linguístico.



## PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O termo preconceito linguístico foi elaborado pelo linguista Marcos Bagno, em 1999, e refere-se ao “[...] conjunto de ideias que se manifesta concretamente na discriminação pela linguagem” (2012, p.96). Em outras palavras, as camadas dominantes da sociedade consideram que as classes posicionadas nos mais baixos estratos socioeconômicos (pobres, analfabetos, indígenas, habitantes da zona rural) não sabem falar e, portanto, têm capacidade de raciocínio reduzida. Assim, pode ser compreendido como o resultado de um julgamento entre o que é “certo” e o que é “errado”, partindo do pressuposto de que há um modelo idealizado de língua a ser seguido e que está nas gramáticas normativas. Feitas as considerações, a seguir apresentaremos e analisaremos o supracitado teste de atitudes linguísticas.

163

## METODOLOGIA APLICADA E PERFIL DOS INFORMANTES

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário com 20 (vinte) perguntas objetivas. O formulário foi criado na plataforma Google Forms. A pesquisa foi de cunho descritivo com abordagem qualiquantitativa e de natureza exploratória e explicativa, o corpus foi constituído por 20 informantes

As variáveis extralinguísticas consideradas foram o grau de escolaridade, a área de formação, o sexo e a faixa etária. Os informantes dividem-se do seguinte modo: quanto à área de formação, todos são graduandos dos 6º (sexto) e 8º (oitavo) períodos do curso de Letras; quanto ao sexo, 6 (seis) informantes do sexo masculino e 14 (quatorze) do sexo feminino; quanto à faixa etária, 2 (dois) informantes de 21 anos, 4 (quatro) de 22 anos, 2 (dois) de 23 anos, 1 (um) de 25 anos, 2 (dois) de 27 anos, 1 (um) de 28 anos, 2 (dois) de 30 anos, 1 (um) de 32 anos, 2 (dois) de 33 anos, 1 (um) de 37 anos, 1 (um) de 47 anos e 1 (um) de 52 anos. Neste teste de atitude, os fatores extralinguísticos “sexo” e “faixa etária” mostraram-se pouco relevantes.

## O TESTE



Para o teste, foram colocadas na dimensão avaliativa a definição que a GT faz da "classe dos advérbios" e as atitudes dos informantes diante de palavras que não são tradicionalmente classificadas como advérbios. Enfatizamos que, nessa pesquisa, concebemos atitudes linguísticas como uma disposição valorativa dos falantes sobre os fenômenos linguísticos, conforme diz Labov (2008).

Quanto à dinâmica e estrutura do teste, os informantes deveriam responder com "sim" ou "não" à seguinte pergunta: "Você classifica o termo que está DESTACADO como um ADVÉRBIO, ou como exercendo uma função adverbial?". Todos os informantes foram orientados a responder de maneira espontânea, ou seja, sem recorrer a qualquer recurso consultivo.

Quanto aos exemplos aplicados no teste, foram usadas algumas estruturas frasais registradas nas obras "Gramática pedagógica do Português Brasileiro" (2012), de Marcos Bagno e "Nova gramática do Português Brasileiro" (2016), de Ataliba Castilho e outras são de autoria própria. A elaboração das frases de autoria própria não se deu de modo aleatório, mas foi motivada pela observação de construções e usos linguísticos que constituem o léxico cotidiano dos informantes selecionados.

- 1) O casamento demorou HORRORES para começar (autoria própria);
- 2) A gente corre depressa, vai para o carro e troca de roupa CORRENDO (Castilho, 2016, p.577);
- 3) A moçada gostou da pizza e comeu PRA CARAMBA (autoria própria);
- 4) Na segunda, a gente vai trabalhar DURO (autoria própria);
- 5) Eu estive chateado com ela, mas já estou DE BOA (autoria própria);
- 6) Elas vivem APERTADO com esse salário (Bagno, 2012, p. 672);
- 7) Não havendo luz...não pode haver a refração diferente aí dos raios luminosos e, PORTANTO, não existe a cor (Bagno, p. 899);
- 8) Eu tive que falar GROSSO na reunião (Bagno, 2012, 671);
- 9) Fale ILIMITADO em DDD, DDI, para telefone fixo ou celular (Bagno, 2012, p.671);
- 10) Ela assou o pão AGORINHA (autoria própria);



- 11) LOGUINHO eu vou à feira (autoria própria);
- 12) Eles colocam melancia...para mim eu acho UM POUQUINHO indigesto (Castilho, 2016, p.558);
- 13) A ingratidão dela é DE LASCAR (autoria própria);
- 14) Eu achei lindo DE MORRER (autoria própria);
- 15) Até agora, NÃO vendi MERDA NENHUMA (Castilho, 2016, p.577);
- 16) A cerveja que desce REDONDO (Bagno, 2012, p.671);
- 17) Pega LEVE (Bagno, 2012, p.671);
- 18) Eu quero jogar LIMPO com vocês (Bagno, 2012, p.671);
- 19) A cabeça de Rubião MEIA inclinada (Bagno, 2012, p. 672).
- 20) O bebe chorou INTENSAMENTE (autoria própria)

### ANÁLISE DOS DADOS

Das 20 palavras que compuseram o questionário, quinze (15) receberam "sim", isto é, a maioria dos informantes classificou como advérbios, ou como desempenhando uma função adverbial, os itens lexicais em destaque no questionário.

Com isso, constatamos que o nível semântico de análise linguística foi consideravelmente acionado para a reflexão sobre os advérbios. Esse resultado corrobora com as afirmações de Perini (2016) quando diz que "os adverbais possuem papel temático, ou seja, função semântica; e este critério é a base para a subclassificação dos adverbais" e de Castilho (2016 p. 551) que afirma que "do ponto de vista semântico, os advérbios [...] são operadores que transferem para seu escopo propriedades semânticas de que elas não dispunham.". Ou seja, os falantes estão considerando os usos reais da língua, os sentidos transferidos, o contexto e não apenas o que a GT aprecia.

As palavras registradas no questionário foram: 1 substantivo (horrores); 3 verbos/sintagmas verbais (correndo, de lascar, de morrer); 1 interjeição (pra caramba); 8 adjetivos/sintagma adjetival (duro, leve, apertado, limpo, ilimitado, grosso, redondo, de boa), 1 conjunção (portanto), 5 advérbios/sintagma adverbial (agorinha, loguinho, meia, intensamente, um pouquinho,) e a expressão nominal

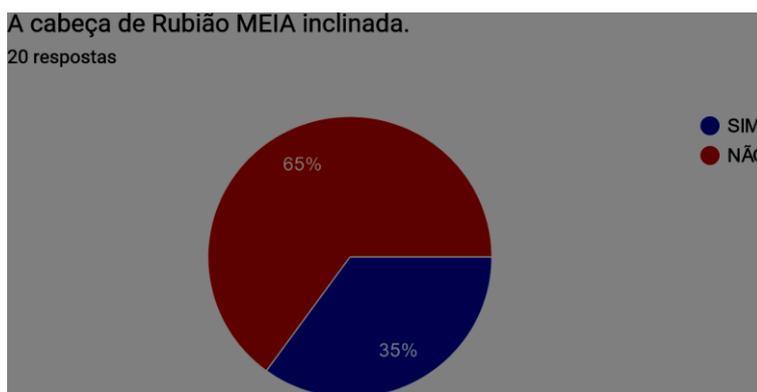
“merda nenhuma”, resultante da junção do substantivo “merda” com o pronome indefinido “nenhuma”, expressão que é popularmente aplicada como interjeição. Mas que Castilho (2016) diz ser uma expressão que funciona junto ao advérbio, o “merda nenhuma” redobra o advérbio de negação “não”. Considerando os limites deste artigo, daremos destaque a apenas algumas das ocorrências que chamaram bastante a nossa atenção.



### A invariabilidade dos advérbios

A respeito da palavra “meia” em “a cabeça de Rubião MEIA inclinada”, 65% dos informantes disseram que não a classificam como um advérbio, ou como exercendo uma função adverbial.

Gráfico 1: análise do “meia”



Fonte: Elaboração própria (ano 2022)

O resultado parece apontar para um julgamento pautado no estereótipo de “erro”. Os elementos linguísticos que constituem o repertório lexical sejam do falante, sejam da comunidade, podem ser socialmente classificados como estereótipos de prestígio ou estigmatizados. Tanto mais a variante do falante aproximar-se das variáveis estereotipadas como estigmas sociais, maior será a incidência do preconceito da comunidade de fala sobre ele. A ideia tradicional de invariabilidade dos advérbios consolidou entre os falantes que a realização da palavra “meia”, quando funcionando como um advérbio, é “errada”.

Na frase “a cabeça de Rubião meia inclinada”, o vocábulo “meia” incide sobre o adjetivo, portanto um advérbio, ou seja,

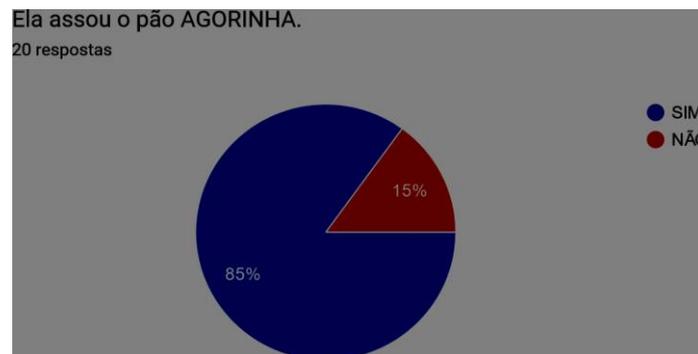


não deveria, segundo a GT, sofrer a variação de gênero que anuncia, pois advérbio é “palavra invariável”. O funcionalista Bagno, afirma que a maior parte dos advérbios, de fato, “não sofre modificação formal de gênero, número e grau” (p.839). No entanto, o autor defende que a íntima relação dos advérbios com os adjetivos leva a que alguns advérbios aceitem variação e questiona o porquê de o fenômeno da variação de gênero incidindo sobre um advérbio ser aceito pela comunidade de fala quando a palavra em uso é “todo/toda”, mas o mesmo não ocorre com “meio/meia”.

Outro fenômeno que sugere ter havido uma avaliação negativa da palavra “meia” é o fato de nas frases “ela assou o pão AGORINHA” e “LOGUINHO eu vou à feira”, respectivamente, 85% e 75% dos informantes ignoraram a variação de grau e disseram que classificam os itens como advérbios ou como exercendo função adverbial.

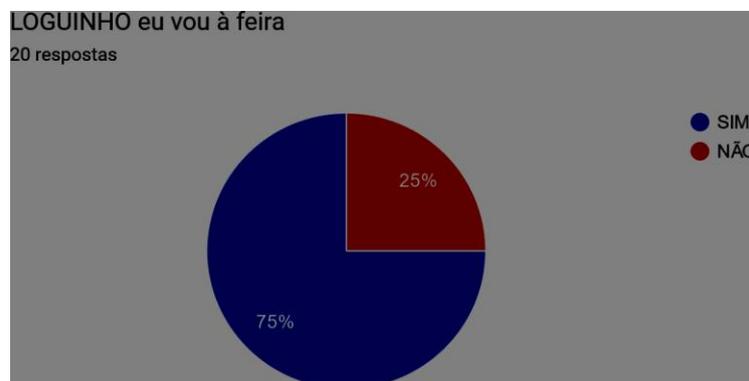
167

Gráfico 2: Análise do “agorinha”



Fonte: Elaboração própria (ano 2022)

Gráfico 3: Análise do “loguinho”



Fonte: Elaboração própria (ano 2022)



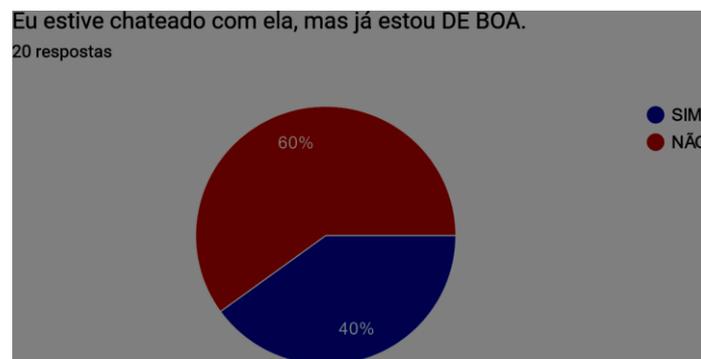
A respeito do que ocorreu com “meia”, “agorinha” e “loguinho”, Bagno (2012, p. 839) aponta para a falta de coerência teórica e metodologia empregados pela GT, visto que ela dá, ainda segundo o autor, tratamento diferente a fenômenos idênticos. O resultado desta incoerência é que, mesmo uma considerável parte dos falantes realizando enunciados com variação de gênero incidindo sobre o advérbio “meio”, como o apresentado no teste, a maioria dos falantes rejeita o uso.

### Tradicionais adjetivos funcionando como advérbios

Castilho (2016, p. 543) informa que “[...] é precária a fronteira entre advérbios e adjetivos”. E essa informação pode ser verificada no fato de todos os vocábulos tradicionalmente catalogados como adjetivos (limpo, leve, duro, ilimitado, apertado, grosso, redondo, limpo, de boa), exceto a expressão “de boa”, terem sido classificados por 68% dos informantes como desempenhando uma função adverbial. A expressão “de boa”, registrada em “eu estive chateado com ela, mas já estou DE BOA” foi classificada como desempenhando uma função adverbial por apenas 40% dos informantes.

168

Gráfico 4: Análise do “de boa”



Fonte: Elaboração própria (ano 2022)

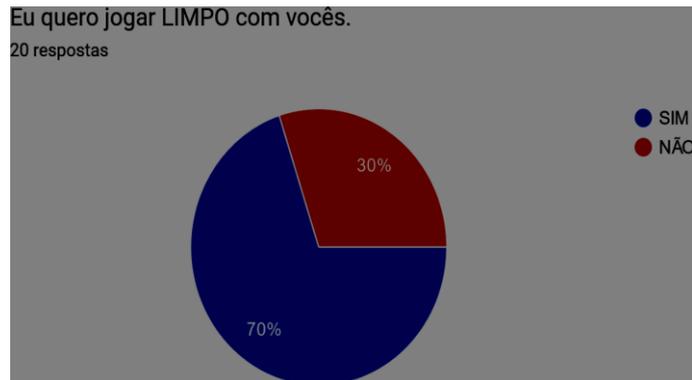
Se substituirmos a expressão “de boa” pelo advérbio de modo “bem” é possível depreender o mesmo sentido. Não conseguimos identificar exatamente o porquê da expressão “de boa”, que tem o verbo “estar” como seu escopo, ou seja, núcleo de incidência, ter recebido “não” de 12 informantes, 60%. Nessa situação, consideramos que,



talvez, pelo fato de ser uma expressão bastante recente, os falantes tenham alguma resistência ao seu uso.

Destacamos também as frases “eu quero jogar LIMPO com vocês”, “na segunda, a gente vai trabalhar DURO” e “eu tive que falar GROSSO na reunião”, que foram classificadas como desempenhando função adverbial, respectivamente, por 70%, 80% e 85% dos informantes.

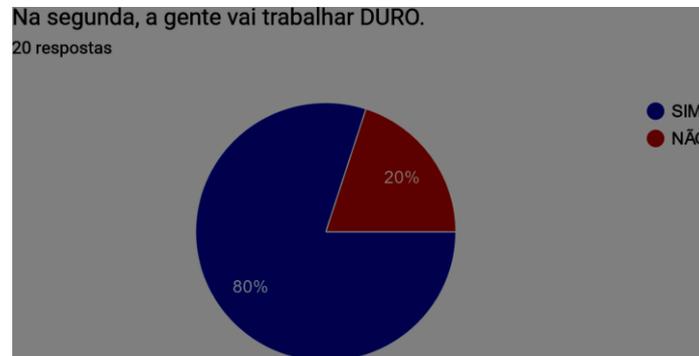
Gráfico 5: Análise do “limpo”



Fonte: Elaboração própria (ano 2022)

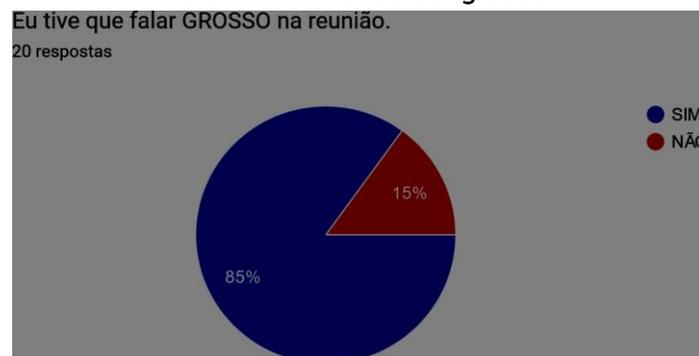
169

Gráfico 6: Análise do “duro”



Fonte: Elaboração própria (ano 2022)

Gráfico 7: Análise do “grosso”



Fonte: Elaboração própria (ano 2022)



A dinâmica dos usos reais da língua oportuniza enunciados distintos daqueles que a tradição comumente agrupa em torno de uma palavra. É o que ocorreu com “duro”, “limpo” e “grosso” que, apesar de serem palavras registradas tradicionalmente como adjetivos, os informantes disseram que, nos contextos propostos, classificariam-nas como desempenhando a função de advérbio.

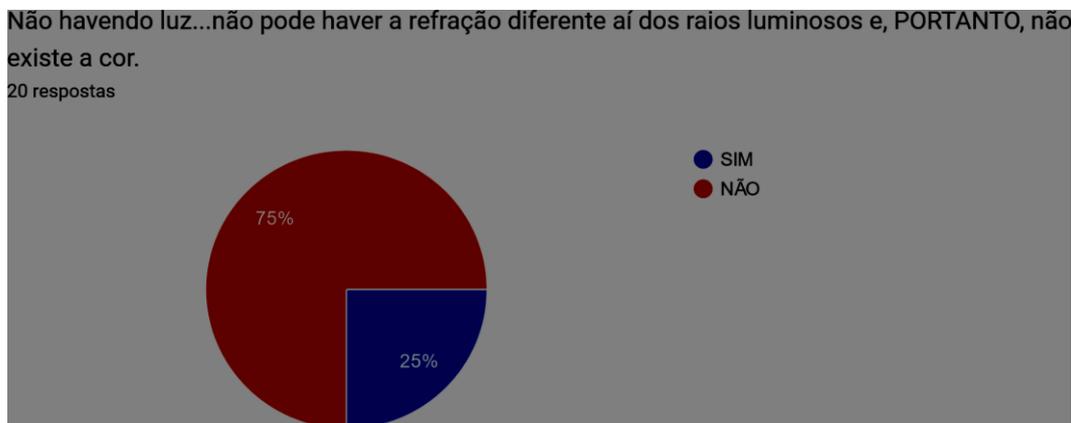
Este cenário favorece a compreensão do posicionamento de Bagno (2012) sobre a multifuncionalidade das palavras, que se deve à complexa capacidade cognitiva dos falantes. É essa capacidade que movimenta as fronteiras linguísticas e reordena a lógica até então registrada e privilegia o processo de Gramaticalização, que será apresentado mais adiante.

### “Portanto” uma conjunção ou um advérbio juntivo?

Na frase “não havendo luz...não pode haver a refração diferente aí dos raios luminosos e PORTANTO não existe a cor”, 75% dos informantes disseram que não classificaria como um advérbio ou como exercendo função adverbial o item lexical “portanto”.

170

Gráfico 8: Análise do “portanto”



Fonte: Elaboração própria (ano 2022)

No entanto, a literatura gramatical contemporânea diz que, neste caso, a palavra “portanto” equivale a algo como “dessa maneira” (Bagno, 2012, p.899) e a verdadeira conjunção é o “e”. Na frase apresentada, o “portanto” é o que Neves (2001) situa entre os advérbios juntivos, ou seja, palavras “de

valor anafórico, que ocorrem numa oração ou sintagma, referindo-se a alguma porção da oração ou do sintagma

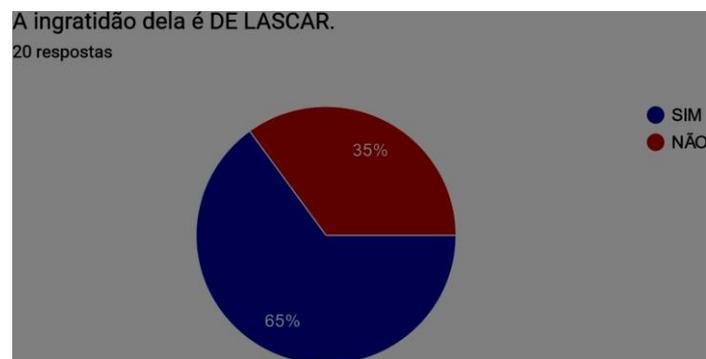


anterior" (p.241). O "portanto", nessa frase, não conecta dois períodos, mas modaliza o que já foi dito.

### Os verbos e os sintagmas verbais

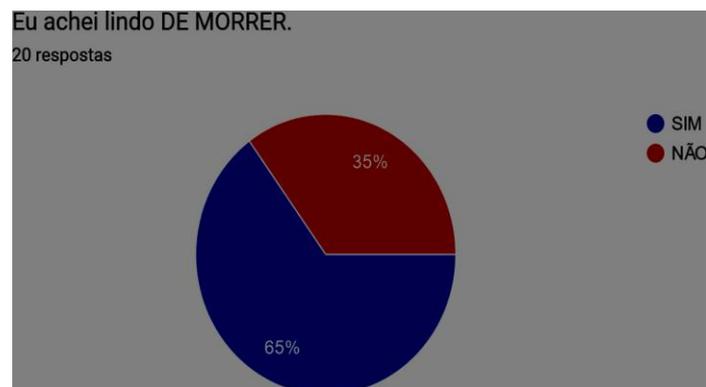
Em relação aos verbos, foram propostos dois sintagmas verbais e um vocábulo tradicionalmente classificado com verbo. Quando questionados a respeito dos sintagmas verbais registrados em "a ingratidão dela é DE LASCAR" e em "eu achei lindo DE MORRER", 65% dos informantes disseram que classificam os itens como exercendo funções adverbiais.

Gráfico 9: Análise do "de lascar"



Fonte: Elaboração própria (ano 2022)

Gráfico 10: Análise de "de morrer"

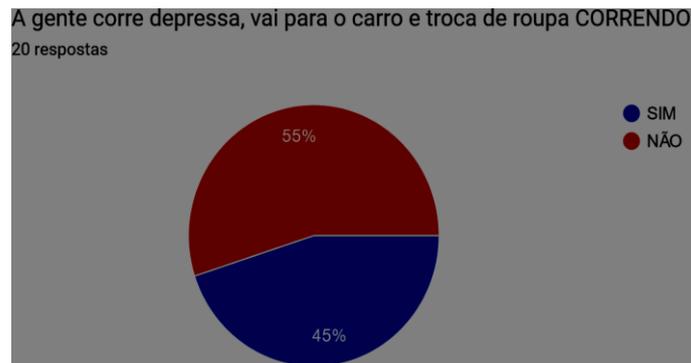


Fonte: Elaboração própria (ano 2022)

Já em "a gente corre depressa, vai para o carro e troca de roupa CORRENDO", 45%, a minoria dos informantes, disse que "sim" e 55% disseram que "não" classificariam a palavra como um advérbio ou como exercendo função adverbial.



Gráfico 11: Análise de "correndo"



Fonte: Elaboração própria (ano 2022)

Quanto a análise que fizemos, entendemos que é possível depreender que as atitudes linguísticas dos informantes devem-se aos seguintes fatos:

Em "a ingratidão dela é DE LASCAR" e "eu achei lindo DE MORRER", os elementos destacados estão imediatamente após ao verbo e ao adjetivo, tradicionais núcleos de incidência dos advérbios.

Em "a gente corre depressa, vai para o carro e troca de roupa CORRENDO", a palavra "correndo" está funcionando como um advérbio de modo. Se substituirmos a palavra "correndo" por "rapidamente" fica fácil visualizar o sentido produzido. Porém, "correndo" não está posicionado imediatamente após seu núcleo de incidência, o verbo "trocar". Avaliamos, portanto, que a forma do verbo no gerúndio mais a sua posição contribuíram para que a maioria dos informantes não atribuisse "sim" à questão. Os informantes consideraram a tradicional classificação do item lexical, não o sentido produzido.

172

### A GRAMATICALIZAÇÃO PRODUZ NOVAS FORMAS GRAMATICAIIS

Os resultados apresentados nesta pesquisa demonstraram que a maior parte dos informantes reformulou os sentidos produzidos pelos itens lexicais destacados nas frases. Palavras tradicionalmente classificadas como adjetivos, substantivos, interjeição foram avaliadas pela maior parte dos falantes como palavras que funcionam como advérbios. Isso certifica o que Meillet (2020, p. 87) fala, "a Gramaticalização de certas palavras cria formas novas, introduz categorias que não tinham expressão linguística e

transforma o conjunto do sistema."



Meillet define a Gramaticalização como “[...] a passagem de uma palavra autônoma ao papel de um agente gramatical” (2020, p.87). Esse processo assegura o permanente estado de mudança da língua. Em vista disso, o autor explica que “esse tipo de inovação resulta [...] do uso que se faz da língua, é uma consequência imediata e natural do uso”(2020, p.87). De acordo com Heine et al (Heine et al, 1991, p. 29-30 *apud* Neves, 2018, p.180-181), “[...] a motivação para a Gramaticalização está tanto nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, quanto na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas”. Ou seja, quando no inventário lexical do falante, ou da comunidade de fala, não há formas possíveis de serem acionadas durante o processo comunicativo, são produzidas novas formas ou as já existentes ganham novos sentidos. Segundo Castilho (2016, p.73), “[...] as estruturas linguísticas são dinâmicas e sujeitas a reelaborações constantes, através do processo de Gramaticalização”. Por esse motivo, pode-se dizer que a Gramaticalização é um importante processo de mudança linguística.

Dessa forma, podemos dizer que a Gramaticalização pode ser uma motivação interna da língua que faz com que outras classes gramaticais, no caso do tema discutido nessa pesquisa, assumam a funcionalidade de um advérbio em determinadas estruturas frasais do cotidiano do falante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de mostrar o resultado de levar à dimensão avaliativa a definição que a GT faz da “classe dos advérbios”.

Para fazer o percurso, realizamos uma breve revisão bibliográfica sobre as definições que algumas gramáticas, de diferentes perspectivas teóricas, atribuem ao advérbio e apresentamos e discutimos um teste de atitude linguística aplicado entre estudantes do curso de Letras com o objetivo de observar como os informantes classificariam palavras que funcionavam como advérbios, mas, que, tradicionalmente, não são classificadas como pertencendo à classe de palavras.



Constatamos que um item lexical pode ser submetido a diversos níveis de análises. Quanto a isso, Pietroforte (2019, p.77) diz que, “[...] dependendo do enfoque com o qual se trata um dado linguístico, temos um objeto de estudo diferente”. Desta maneira, foi possível verificar que se um elemento adverbial é observado pelo ponto de vista da morfologia, ou da semântica, ou da sintaxe há de se considerar que serão retornados diferentes resultados ao analista. Um advérbio, quando analisado, por exemplo, no registro do nível sintático, é uma função do item que se pretende obter. Porém, quando analisado no nível da semântica, o objetivo é compreender quais sentidos são produzidos pelo item na relação que estabelece com o contexto.

Para pensar esse caráter dinâmico do léxico, recorreremos ao conceito de Gramaticalização, pois para Hopper (1991), que rejeita a ideia de uma gramática estável, “todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na Gramaticalização” (*apud* Neves, 2018, p.173). A Gramaticalização nos ajudou a verificar e tentar compreender o que ocorreu com alguns itens lexicais estudados neste trabalho. Pode-se constatar, por exemplo, que conjunções e adjetivos foram avaliados pelos falantes como palavras que funcionaram como advérbios.

O teste de atitudes linguísticas que aplicamos, permitiu-nos pensar que ao olhar para os usos reais da língua devemos considerar que são diversas as possibilidades de construções que podem ser feitas pelos falantes. As motivações para as construções ocorrem em virtude de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos. As variações linguísticas são detectáveis no léxico, na fonética, na morfologia e na sintaxe; e todas podem ser explicadas seja com base na localização geográfica dos falantes, no seu grau de escolaridade, na faixa etária ou no tanto de formalidade ou informalidade de uma situação de fala.

Para finalizar, em relação à efetivação de uma mudança linguística, Labov (2010, p. 291) esclarece que, “[...] não se pode fazer nenhum avanço importante rumo ao entendimento do mecanismo da mudança



linguística sem o estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução linguística”.

A possibilidade de olhar para a língua e considerar os níveis de análises aos quais ela pode ser exposta ocasiona conflitos que precisam ser considerados. Afirmar sem clareza de critérios que este ou aquele item lexical pertence à classe dos advérbios, não favorece os usos que se originam da criatividade dos falantes. Os usos reais da língua atualizam os sentidos e, portanto, devem ser refletidos nas análises linguísticas, por isso, é preciso empreender novas pesquisas a fim de buscar compreender mais sobre este aspecto da língua: a vulnerabilidade do advérbio no que tange ao uso pelos falantes.

## REFERÊNCIAS

ALI, M. S. **Grammatica historica da lingua portugueza**. 2. ed. melhorada e augmentada de Lexeologia do Portuguez Historico e Formação de Palavras e Syntaxe do Portuguez Historico. São Paulo – Cayeiras – Rio: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos incorporados), 1931.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: 2008.

CHAGAS, P. **A mudança linguística**, in FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 6. ed., São Paulo: Editora Contexto, 2019. p. 141-163.

COELHO, I. L. [et al.]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CYRANKA, L. F. de M.. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG**. 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LLORACH E. A. **Gramática de la Lengua Española**, 4. ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

MEILLET, A. **A evolução das formas gramaticais**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2020.

NEVES, M. H. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, M. A. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PIETROFORTE, A. V. **A língua como objeto da linguística**, in FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019. p.75-94.



Recebido em 10 de abril de 2023.

Aprovado em 29 de maio de 2023.

---

lo que permite distinguir unos adverbios de otros es la significación [...]. Sin embargo, es preferible para clasificar los adverbios atenerse a las relaciones que cada uno contrae dentro de los enunciados, bien en su papel primario de adyacente circunstancial, bien por su combinación con otras unidades en el interior de un grupo nominal unitario. [Lorach, 1994, § 178]

<sup>ii</sup>termo adotado por Perini (2005).

<sup>iii</sup>Em sua tese intitulada "Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora - MG" (2007).